Como uma onda

para entender a mudança linguística

Esses versos simples da canção de Lulu Santos e Nélson Motta abordam um tema que tem inquietado a espécie humana desde a mais remota antiguidade: a passagem do tempo, a transformação inevitável de tudo, a permanente instabilidade do mundo. O filósofo grego Heráclito (c. 540-470 a.C.) sintetizou essa verdade na célebre fórmula **panta rhei**, "tudo flui", todas as coisas se transformam, tudo se move, tudo muda.

"Nada do que foi será / De novo do jeito que já foi um dia / Tudo passa / Tudo sempre passará / A vida vem em ondas / Como um mar / Num indo e vindo infinito. / Tudo o que se vê não é / Igual ao que a gente viu há um segundo / Tudo muda o tempo todo / No mundo. / Não adianta fugir / Nem mentir pra si mesmo agora / Há tanta vida lá fora / Aqui dentro sempre / Como uma onda no mar."
Como uma onda (Lulu Santos e Nélson Motta)



E com a língua não poderia ser de outro jeito. A língua de ontem não é a de hoje, e a de hoje não será a de amanhã: "Tudo o que se vê [*e se fala e se ouve e se lê*] não é igual ao que a gente viu [*e falou* e *ouviu* e *leu*] há um segundo". Por isso, como também diz a canção, "não adianta fugir nem mentir pra si mesmo" — a mudança é inevitável, irrefreável, e o melhor mesmo é aceitá-la, compreender seus mecanismos e aprender a lidar serenamente com ela.

Toda língua muda com o tempo

Por mais que isso pareça óbvio, vale a pena repetir: **toda língua muda com o tempo**. Basta a gente comparar um texto escrito em português na Idade Média, ou em 1600 ou mesmo há cem anos atrás com qualquer coisa publicada nos dias de hoje. As diferenças saltam aos olhos, e as dificuldades de compreensão vão crescendo quanto mais a gente recua no tempo:

Peregrinatio ad loca sancta (Peregrinação aos lugares santos), século V, de autoria da monja Etéria ou Egéria, natural da Galiza (noroeste da Espanha, região berço da língua portuguesa), texto em que aparecem algumas construções típicas do chamado "latim vulgar", origem das línguas românicas, como o português.

Vallis autem ipsa ingens est vallis, iacens subter latus montis Dei, quae habet forsitan, quantum potuimus videntes aestimare aut ipsi dicebant in longo milia passuum forsitan sedecim, in lato quattuor milia esse appellabant. Ipsam ergo vallem nos traversare habebamus, ut possimus montem ingredi.

"Notícia de Torto" (entre 1214 e 1216), um dos registros escritos mais antigos da língua.

De noticia de torto que fecerũ a Laurẽcius Fernãdiz por plazo qve fece Gõcauo Ramiriz antre suos filios e Lourẽzo Fernãdiz quale podedes saber: e oue auer, de erdade e dauer, tãto quome uno de suos filios, daquãto podes: auer de bona de seuo pater; e fiolios seu pater e sua mater. E depois fecerũ plazo nouo e cõu: uos a saber quale; in ille seem taes firmamentos quales podedes saber Ramiro Gõcaluiz e Gõcaluo Gõca [luiz e] Eluira Gõcaluiz forũ fiadores de sua irmana que o[to]rgase aqu[e]le plazo come illos Super isto plazo ar fe[ce]rũ suo plecto.

Easy segujmos nosso caminho per este mar delomgo ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxj dias dabril que topamos algũũs synaaes de tera seemdo da dita jlha segundo os pilotos deziam obra de bjc lx ou lxx legoas · os quaaes herã muita camtidade deruas compridas aque os mareantes chamã botelho e

asy outras aque tam bem chamã Rabo dasno Eaaquarta feira segujmte pola
manhãa topamos aves aque chamã fura buchos · e neeste dia aoras de bespera
ouuemos vista de tera primeiramente dhũũ gramde monte muy alto · e Redomdo
e doutras serras mais baixas ao sul dele e de terra
chãa com grandes aruoredos ao qual monte alto
ocapitam pos nome o monte pascoal

Carta de Pero Vaz de Caminha (1º de maio de 1500)

Rio de Janeiro 11 Setembro 1857
Presado Pai
Aqui chegamos sem novidade e tendo felizmente escapado a grande chuva
que ainda hoje dura. As cartas todas estão entregues e o Joaquim leva a peça
de riscado da loja do primo José e os 12#000, como tambem uma lamparina
ou lampião que me pedio para comprar. Peço a meu Pai queira recommendar-
-me ao primo Manoel e ao Senhor Veludo a lançar a sua benção sobre
Seu filho
amante
Casimiro José Marques de Abreu

Carta do poeta brasileiro Casimiro de Abreu ao pai (1857).

MAIS UMA VEZ
AQUELE PRODUTO
QUE VOCÊ NEM PRECISA
DIZER O NOME
GANHOU AQUELE
PRÊMIO
QUE VOCÊ
JÁ SABE
QUAL É

Publicidade do Prêmio Top of Mind 2006, estampada na *Folha de S.Paulo* de 18/10/2006, e na qual aparece o uso da chamada oração relativa cortadora ("aquele produto que você nem precisa dizer o nome"), característica da gramática do português brasileiro.

Lendo as gramáticas normativas (e até mesmo algumas descrições feitas por linguistas), a gente tem a impressão que a língua está pronta e acabada, que ela pode até ter sofrido transformações no passado mas que, agora, as regras estão fixadas para sempre. Mas isso é uma ilusão. Enquanto tiver gente falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente. Os mesmos processos que fizeram a língua mudar no passado continuam em ação, fazendo a língua mudar neste exato momento em que você lê o que eu escrevo.

Apesar dessa obviedade, a mudança linguística sempre foi encarada como um problema, como uma coisa negativa, como um sinal de ruína, decadência e corrupção da língua (e da moral de seus falantes). No entanto, ela é inevitável: tudo no universo, na natureza e na sociedade passa incessantemente por pro-

cessos de mudança, de obsolescência, de reinvenção, de evolução... Por que só a língua teria de ficar parada no tempo e no espaço? Todas as demais instituições humanas sofrem mudança, por que a língua não sofreria?

De quem é a culpa?

Para sermos mais exatos, no entanto, seria melhor reformular aquele título lá de cima e escrever assim: **os falantes mudam a língua o tempo todo**. Porque é isso mesmo que acontece: somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de processamento mental, de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso, não é "a língua" que muda — a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... **São os falantes, em sociedade, que mudam a língua.**

Conforme vimos no capítulo 3, existe na cultura ocidental uma velhíssima "tradição da queixa" contra a mudança linguística. Em cada momento dessa tradição, as pessoas tentam atribuir a "culpa" da mudança linguística a alguém ou a algum grupo social: ora são os jovens ("não sabem mais falar a língua, só usam gíria" etc.), ora são os professores ("que não são mais tão bons como antigamente" etc.), ora são os escritores ("que se deixam contaminar pelos vícios da linguagem relaxada de hoje"), ora são os meios de comunicação modernos, ora é a "mistura de raças" resultante dos contatos de povos de "cultura superior" com povos de "cultura primitiva" (ou nenhuma cultura, melhor dizendo...), ora são as "babás, cozinheiras e engraxates" (como escreveu, num primor de preconceito social, o célebre gramático brasileiro Napoleão Mendes de Almeida). Enfim, não faltam candidatos para ocupar o lugar do réu no julgamento do "crime" da mudança linguística.

No entanto, ninguém em particular tem "culpa" nenhuma neste caso. Como escreveu em tom divertido o linguista Guy Deutscher:

> Rastrear o suspeito pode, de início, parecer uma missão um tanto árdua, já que é bastante difícil imaginar alguém que esteja realmente tentando mudar a língua. (Você está?) Mas a identificação revela ser de uma absoluta simplicidade, já que embora ninguém *em particular* esteja mudando a lín-

gua, o fato é que somos *todos nós* que provocamos as mudanças, mesmo que nunca queiramos isso. Existe um grande número de coisas que as pessoas provocam sem ter intenção. Basta pensar nos engarrafamentos. Ninguém jamais saiu de casa para sua locomoção diária com o firme propósito de criar um engarrafamento e, no entanto, cada motorista contribui para o congestionamento ao acrescentar um carro mais a uma avenida já superlotada.

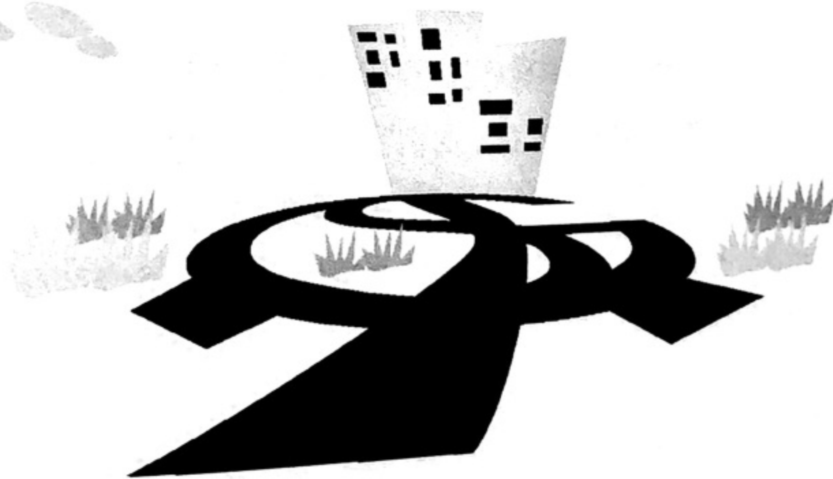
Guy Deutscher, *The Unfolding of Language*. New York: Metropolitan Books, 2005, p. 61.

O mesmo autor comenta que as mudanças involuntárias nem sempre precisam ser prejudiciais como os engarrafamentos do trânsito. Para explicar o processo





da mudança linguística, ele recorre a uma comparação bastante interessante. Imagine dois prédios públicos — por exemplo, numa grande



universidade — com um amplo terreno cheio de mato separando eles. O único caminho previsto para ligar os dois prédios é um passeio pavimentado (uma calçada) que contorna o terreno. Como esse percurso leva muito tempo, as pessoas que têm de ir frequentemente de um prédio ao outro começam a atravessar o mato para atalhar. A primeira pessoa que faz isso tem que abrir caminho pisando no capim alto, e as pessoas que vêm depois descobrem que a trilha que a primeira pessoa criou é o percurso mais convidativo, porque parte do capim e outras plantas já foi aplainada. À medida que mais e mais gente atravessa o terreno, mais e mais vegetação fica esmagada, até que, por fim, a trilha se transforma num caminho liso e limpo. O importante a salientar é que ninguém em particular criou

esse novo caminho, e ninguém em particular teve a intenção deliberada de fazer isso. O caminho novo não surgiu de algum projeto de paisagismo urbano, mas das ações espontâneas acumuladas dos atalhadores.

É assim também que a língua muda — durante algum tempo, existe um único modo de dizer determinada coisa e esse modo único pode até vir oficialmente registrado nas gramáticas e nos dicionários (como a calçada que foi oficialmente criada para levar de um prédio ao outro). Em determinado momento, porém, algumas pessoas começam a dizer a mesma coisa de um modo ligeiramente diferente (talvez por ser um modo mais fácil, mas rápido, mais enfático, mais preciso de se expressar — um atalho linguístico). Com o passar do tempo, essa forma nova é usada por cada vez mais pessoas, até se firmar totalmente no uso da maioria dos falantes. Com isso, a forma antiga (a calçada pavimentada) pode até continuar oficialmente existindo, mas ninguém ou quase ninguém mais segue por ali... E assim como em alguns lugares o poder público acaba reconhecendo a utilidade do atalho e manda pavimentar o caminho novo, também as novas formas de uso da língua acabam sendo incorporadas (só que muito, muito lentamente e com muita, muita resistência) pelas gramáticas e pelos dicionários.

Mais uma vez: nada na língua é por acaso

Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.

A língua é uma atividade social, ela é parte integrante (e constitutiva) da vida em sociedade. Por isso as mudanças que ocorrem na língua são fruto da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ou expressividade ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

A mudança linguística é resultado da interação entre fatores internos — os mecanismos cognitivos que processam a linguagem dentro do nosso cérebro — e fatores externos à língua, ou seja, fatores sociais e culturais.

As mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente e por isso é que repetimos: **nada na língua é por acaso.** Quando as pessoas sem conhecimento específico dos processos de mudança falam de "erro", na verdade o que elas estão chamando de "erro" é algum fenômeno de transformação pelo qual a língua está passando. Uma transformação que nada tem de fortuito, de casual, nem de aleatório. E que é fruto, insistimos, da **ação dos próprios falantes sobre a língua**, a mesma ação que transformou o indoeuropeu em latim, o latim em português, e que está transformando o português numa língua que amanhã não será a mesma de hoje... Se nós tivermos que aceitar a doutrina do "erro", vamos ser obrigados a dizer que o português, o espanhol, o catalão, o francês, o italiano, o romeno etc. são "latim falado errado", o que é totalmente absurdo numa perspectiva científica minimamente criteriosa. Igualmente absurdo é dizer que o português brasileiro é uma maneira "errada" de falar a língua, somente porque aqui no Brasil ela apresenta características estruturais diferentes das do português europeu.

A mudança surge de variantes em concorrência

A **heterogeneidade social** é um fator importantíssimo para se compreender os fenômenos da mudança linguística — a sociedade é composta por diversos grupos, cada um deles com seu modo característico de falar a língua (sua **variedade** linguística), com sua dinâmica social própria, com sua cultura particular. Por isso, como em outros aspectos da vida social (como os hábitos, os comportamentos, as crenças, os rituais etc.), a mudança linguística não ocorre toda de uma vez dentro da comunidade de falantes — uma parte dos falantes adota mais rapidamente a mudança, outra parte conserva por algum tempo as formas antigas. Assim, o que ocorre é uma **competição**, uma **concorrência** entre a variante inovadora e a variante conservadora. Por isso o estudo da **variação** é tão importante para a compreensão do fenômeno da mudança linguística — **a língua muda porque varia**, isto é, porque algumas pessoas preferem usar um atalho em vez de seguir pelo caminho pavimentado já existente...

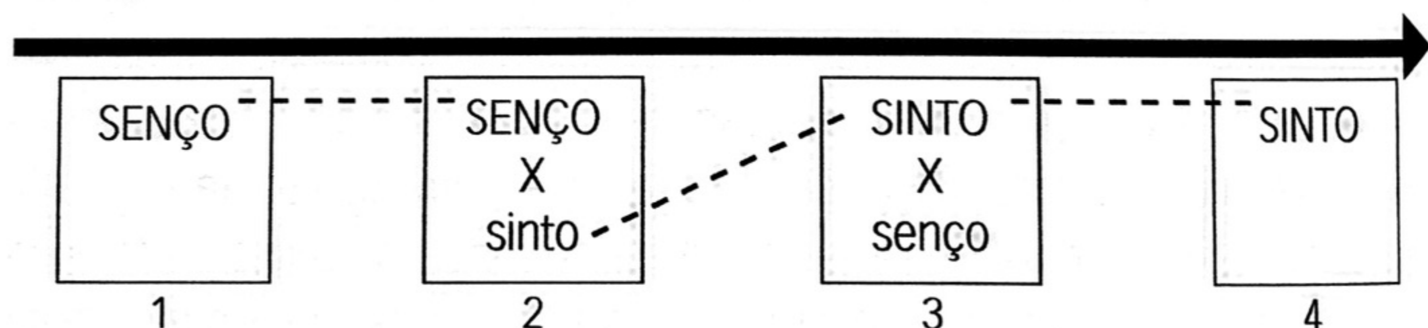
Às vezes, a forma inovadora suplanta completamente a forma mais antiga, que desaparece da língua sem deixar traços. Quando estudamos a história

do português e consultamos documentos escritos muito antigos, encontramos uma grande quantidade de palavras, expressões, regras fonológicas, morfológicas e sintáticas que desapareceram com o tempo, não são mais usadas na língua de hoje. Por exemplo, no caso dos seguintes verbos:

PORTUGUÊS ANTIGO	**PORTUGUÊS ATUAL**
eu arço	eu ardo
eu senço	eu sinto
eu menço	eu minto
eu perço	eu perco
eu moiro	eu morro
eu paresco	eu pareço

Para que as variantes inovadoras (que estão em uso até hoje) se firmassem, elas tiveram primeiro de entrar em concorrência com as formas que eram então as mais empregadas. Nesse caso, estamos diante de uma mudança que se completou totalmente: nenhum falante de português, nem no Brasil nem em Portugal, usa mais as formas SENÇO, MENÇO, ARÇO etc. (lembrando ainda que o ç, naqueles tempos, era pronunciado [ts], coisa que também desapareceu da língua).

Podemos descrever o fenômeno da mudança usando a figura abaixo, em que temos a linha contínua do tempo e quatro momentos da história da língua:



No primeiro momento, a forma SENÇO era a única que existia na língua. No segundo momento, aparece a forma SINTO, provavelmente usada por grupos restritos da população, e que começa a concorrer com SENÇO. No terceiro momento, o uso cada vez mais amplo da forma nova SINTO transformou SENÇO em forma pouco prestigiada e de uso cada vez mais reduzido. Por fim, no último momento, a forma SINTO aparece como única possibilidade de expressar a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo SENTIR. A forma SINTO está imperando há muitos séculos, mas ela também pode vir a ser desbancada, no futuro, por alguma nova concorrente...

Em outros casos, a concorrência acaba dando a vitória à variante inovadora, sim, mas a variante mais antiga sobrevive em algumas variedades específicas, principalmente em variedades regionais mais isoladas, como no caso das zonas rurais. Para começar a entender isso, leia o seguinte parágrafo:

Huma fruita se dá nesta terra do Brasil muito sabrosa, e mais prezada de quantas ha. Cria-se numa planta humilde junto do chão, a qual tem humas pencas como cardo, a fruita della nasce como alcachofras e parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, chamão-lhes Ananazes, e depois de maduros tém hum cheiro muito excellente, colhem-nos como são de vez, e com huma faca tirão-lhes aquella casca grossa e fazem-nos em talhadas e desta maneira se comem, excedem no gosto a quantas fruitas ha neste Reino, e fazem todos tanto por esta fruita, que mandão plantar roças della, como de cardaes: a este nosso Reino trazem muitos destes ananazes em conserva.

Esse trecho foi retirado do *Tratado da terra do Brasil, no qual se contém a informação das cousas que há nestas partes*, da autoria do português Pero de Magalhães de Gândavo, que visitou a recém-conquistada Terra de Santa Cruz e escreveu uma detalhada descrição da nossa fauna, da nossa flora, da geografia das regiões que visitou etc. Essa visita deve ter ocorrido por volta de 1572, ou seja, há quase 500 anos. No trecho selecionado, ele descreve o ananás, que hoje chamamos mais comumente de ABACAXI. Gândavo também publicou uma obra gramatical: *Regras que ensinam a maneira de escrever* (1574).

Em algumas áreas do interior de São Paulo, FRUITA também é outro nome para a JABUTICABA. Em variedades nordestinas (Pernambuco, Alagoas), FRUITA é uma forma depreciativa de designar o homossexual masculino.

Na leitura desse parágrafo de Gândavo, você deve ter notado, entre tantas coisas curiosas, o uso que ele faz algumas vezes da palavra FRUITA. "Que interessante", pensará você, "hoje nós dizemos e escrevemos FRUTA..." Espere um pouco: *nós*, quem? Se é verdade que a grande maioria dos brasileiros diz FRUTA, também existem comunidades em que a forma FRUITA sobrevive. Que comunidades são essas? Comunidades rurais, distantes dos grandes centros urbanos e marcadas pelo acesso muito restrito à escolarização e à cultura letrada. O uso de FRUITA provavelmente vai se reduzir com o avanço do tempo, sobretudo por causa da ampla difusão das formas linguísticas majoritárias favorecida pelos meios de comunicação, dos quais certamente o mais poderoso e influente é a televisão, e também pelo maior acesso à escola.

Os falantes urbanos escolarizados acham "esquisita", "feia", "engraçada" ou "errada" a pronúncia FRUITA, com ditongo, porque ela está ausente da fala e da escrita da grande maioria da população — e as minorias, sejam elas raciais, sexuais ou linguísticas, infelizmente sempre sofrem estigmatização.

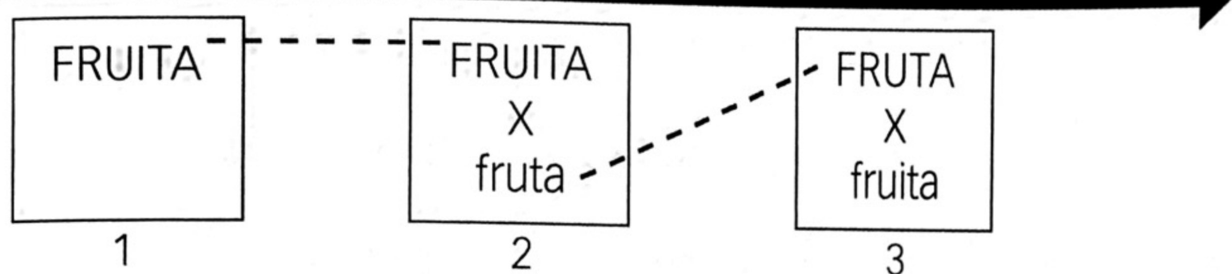
Essa avaliação negativa também se deve ao fato de que a grande maioria das pessoas não tem conhecimento da história da língua, dos processos de transformação que afetaram o português ao longo do tempo. O conhecimento desses processos talvez levasse a gente a ter a reação exatamente oposta, a estranhar a forma sem o ditongo: por que é que FRUTA perdeu o I, se ele se preservou em outras palavras que passaram por processos semelhantes? Observe:

LATIM	**>**	**PORTUGUÊS**
directu-		direito
factu-		feito
fructa-		fruita
iactu-		jeito
lacte-		leite
lectu-		leito
lucta-		luita
nocte-		noite
octu-		oito
pectu-		peito
profectu-		proveito
rector-		reitor
secta-		seita

Logo se percebe que o grupo latino -CT- se transformou regularmente, em português, em -IT-, e de fato todas as palavras da lista acima conservam até hoje o I diante do T, com exceção de FRUTA e LUTA. Nessas duas palavras, o processo deu um passo adiante, eliminando-se o ditongo. Provavelmente, a presença do U nessas duas palavras, uma vogal tão fechada quanto o I, favoreceu o desaparecimento do ditongo (num processo que chamamos, em linguística histórica, de assimilação). Não por acaso, a variante LUITA é usada pelos mesmos falantes que usam FRUITA.

Aqui, ao contrário dos verbos que mostramos mais acima, ainda encontramos variedades linguísticas em que as formas FRUITA e LUITA sobrevivem. A

concorrência entre as variantes inovadoras e antigas, ao longo do tempo, somente inverteu o prestígio de cada uma delas, mas não foi suficiente para eliminar completamente a forma mais antiga:



O mesmo acontece com outras palavras que encontramos na fala dos brasileiros da zona rural e que soam "estranhas" aos ouvidos dos falantes urbanos: LŨA (com nasalização do U), SOMANA, ENTONCE, PREGUNTAR, OITUBRO, AMENHÃ, DEREITO – são todas formas antigas, que a gente encontra facilmente na literatura medieval portuguesa.

Uma descrição mais precisa e honesta da mudança

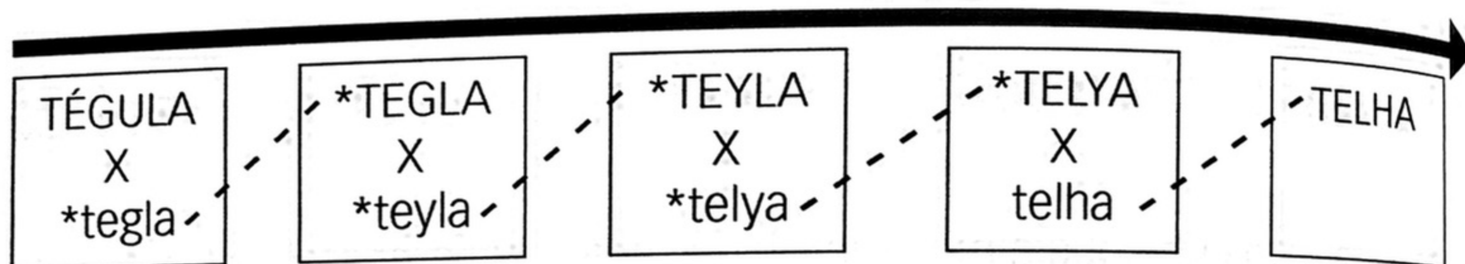
Isso deixa bem claro que a mudança linguística é um processo extremamente complexo, lento e gradual. Quando consultamos as gramáticas históricas, o modo de apresentação dos processos de mudança é reduzido a uma linearidade que não condiz com a visão mais dinâmica oferecida pela Sociolinguística. Nas gramáticas históricas, encontramos a fórmula **a > b**, isto é, "A se transformou em B", como se a transformação tivesse sido automática e total, como se todos os falantes da língua, da noite para o dia, tivessem deixado de usar a forma A para só usar a forma B... Ora, para que B apareça como a forma nova e única (ou majoritária), é preciso antes que ela tenha entrado em **concorrência social** com A, é preciso que as duas variantes tenham convivido, com diferentes graus de prestígio, durante algum tempo no seio de uma comunidade linguística.

Outro problema das gramáticas históricas é que elas se baseiam exclusivamente na língua escrita literária ou nas variedades urbanas de prestígio, desprezando a coexistência, nas diferentes fases históricas da língua, de formas antigas e formas inovadoras, como no caso do par FRUTA ~ FRUITA, e o uso social diferenciado de cada uma delas. Com isso, não é exato dizer que o latim FRUCTA se transformou em FRUITA e depois em FRUTA. Mais exato é dizer que a forma arcaica FRUITA se transformou, na maioria das variedades da língua, em FRUTA, mas que ela ainda sobrevive no uso de algumas comunidades de falantes, em concorrência e coocorrência com a forma majoritária.

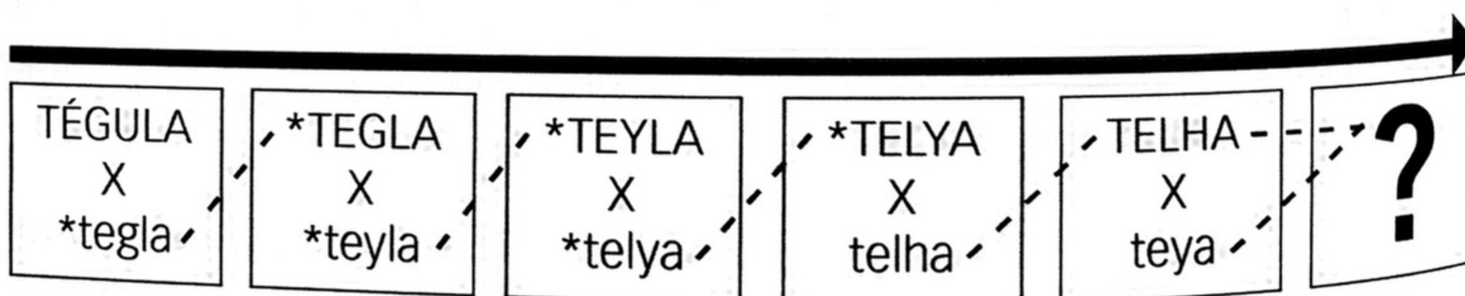
O mesmo desprezo pelas variedades rurais, regionais e carentes de prestígio social aparece no fato das formas inovadoras surgidas nessas variedades **não serem contempladas pelas gramáticas históricas.** Se a gente consulta a palavra TELHA numa gramática histórica ou num dicionário etimológico do português, o que aparece é:

(latim) TÉGULA > TELHA (português)

Só que nós sabemos, para começar, que, por razões de ordem fonético-fonológica, o latim TÉGULA não pode ter se transformado diretamente em TELHA. Entre TÉGULA e TELHA devem ter ocorrido diversas etapas de variação e mudança, provavelmente assim (as palavras com um asterisco representam formas hipotéticas, não atestadas em nenhum documento escrito, mas deduzíveis com base no conhecimento que temos das regras da fonologia histórica):



Além disso, nós também sabemos que a forma TELHA, pronunciada [teλa], não é a única variante existente na nossa língua. Milhões de brasileiros (talvez até a maioria deles!) pronunciam [teya], isto é, deslateralizaram a consoante /λ/ e dela conservaram apenas o traço palatal, levando a mudança linguística um passo adiante. Para descrever mais fielmente (e mais honestamente também) a realidade do português brasileiro, é preciso portanto incorporar os novos processos de variação e mudança:



Se a variante inovadora [teya] vai vencer a concorrência com a forma mais antiga [teλa], somente a história futura das dinâmicas sociais da comunidade de fala brasileira dirá. Por enquanto, sabemos que a pronúncia do dígrafo escrito LH como uma semivogal /y/ é extremamente estigmatizada e sofre alto grau de rejeição por parte dos falantes urbanos escolarizados. Mas essa transformação também ocorreu no galego (língua irmã do português), no fran-

cês e no espanhol, línguas onde a pronúncia /y/ não sofre nenhuma avaliação social negativa, muito pelo contrário. Se em outras línguas foi assim, por que não no português brasileiro? Quem viver verá...

Os poucos exemplos que demos acima não devem levar ninguém a imaginar que a mudança linguística só ocorre na forma das palavras e só nas palavras isoladamente. Nada disso. O estudo dos diferentes estágios históricos de qualquer língua revela que, com o passar do tempo, as línguas sofrem mudanças em todos os seus níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico... Mas não é nosso objetivo aqui apresentar todas as transformações ocorridas em português desde o século X até hoje. Para isso, existem as gramáticas históricas e os livros de história da língua.

Quem implementa a mudança linguística?

As pesquisas sociolinguísticas feitas em diversos países, inclusive no Brasil, têm demonstrado que a mudança linguística é impulsionada por dois grupos sociais: (1) as faixas etárias mais jovens e (2) as camadas médias baixas da população.

De fato, na língua falada pelas **gerações mais jovens**, podemos detectar sinais bem claros da mudança linguística. E é também justamente por isso que as pessoas mais velhas costumam julgar negativamente a fala dos mais jovens, dizendo que eles têm "vocabulário pobre", "só usam gíria" ou "falam muito errado". Essas acusações aparecem em todas as culturas, desde antes de Cristo...

Quando temos a chance de comparar e analisar a língua falada por duas ou três gerações distintas de falantes (digamos, um avô de 75 anos, seu filho de 45 e seu neto de 15), encontramos exemplos concretos de mudança em todos os níveis da língua na passagem de uma geração para outra (os sociolinguistas chamam isso de "mudança em tempo aparente"). Um exemplo disso se encontra no uso dos pronomes NÓS e A GENTE para designar a primeira pessoa do plural. Numa pesquisa feita na cidade do Rio de Janeiro, a sociolinguista Nelize P. de Omena encontrou a seguinte situação:

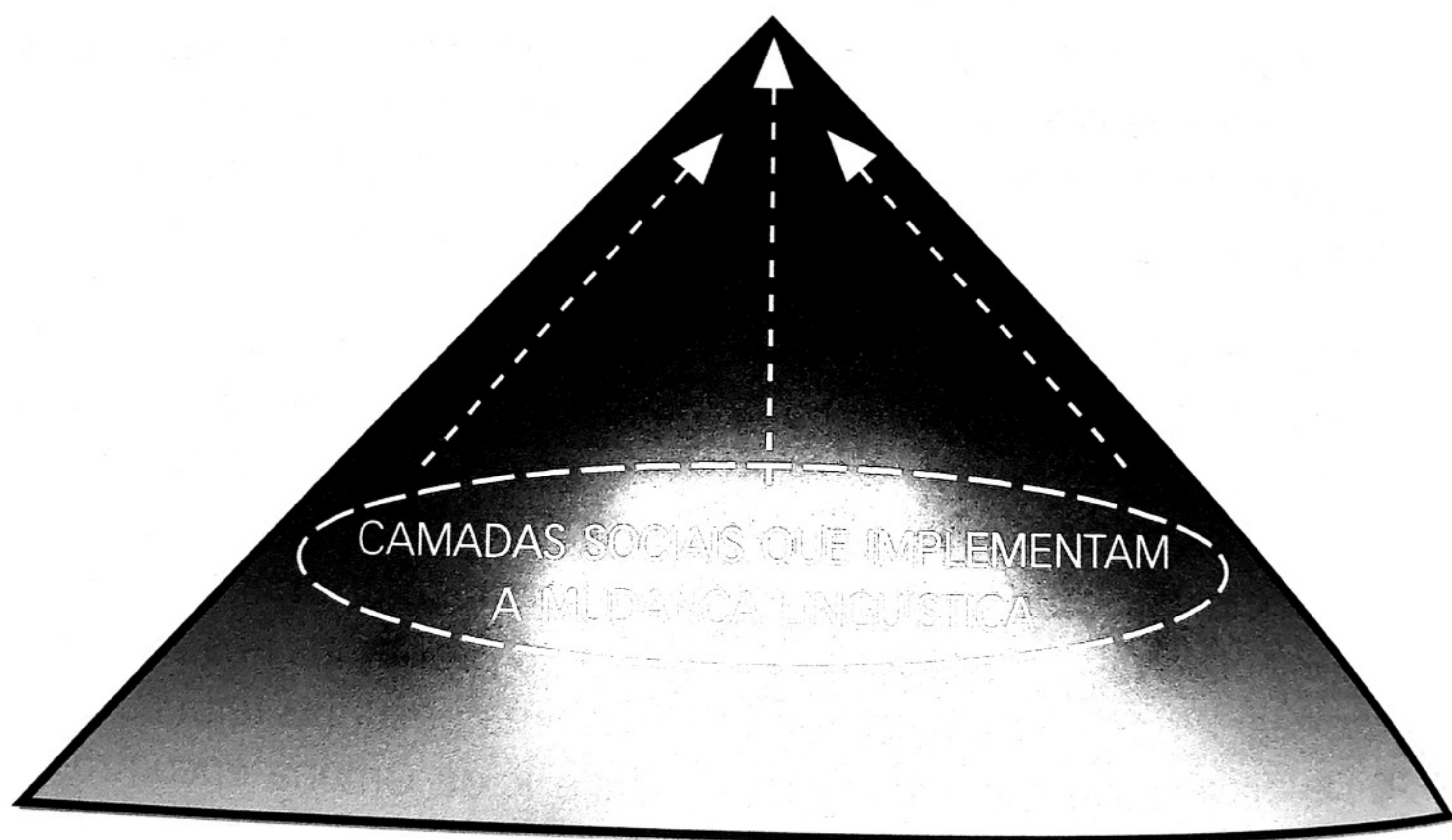
FAIXA ETÁRIA	NÓS / A GENTE	% NÓS
07 a 14	52 / 576	10%
15 a 25	91 / 751	13%
26 a 49	243 / 744	33%
50 a 71	275 / 568	49%

N. P. Omena, "As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito", em Silva & Scherre (orgs.), *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 313.

Como mostram os números, a proporção de uso de NÓS vai diminuindo quanto mais jovem é o falante. Isso porque, como revelou também a Sociolinguística, nós não falamos a língua exatamente do jeito como a aprendemos com nossos pais, mas sim como aprendemos, na fase da adolescência, com as pessoas da nossa faixa etária ou alguns anos mais velhas que nós.

No que diz respeito à relação entre **mudança linguística** e **classe social**, sabemos que, no caso brasileiro, as variantes inovadoras que surgem na fala dos cidadãos mais desprestigiados e estigmatizados dificilmente conseguem saltar o abismo social que separa esses cidadãos do resto da população. É por isso que, como já vimos, a pronúncia /y/ para o que se escreve LH (TELHA ~ TÊIA) não ocorre na fala dos brasileiros urbanos e escolarizados, a não ser para produzir efeitos cômicos, para arremedar a fala dos "caipiras" e "ignorantes".

Por outro lado, quando as inovações surgem na fala da camada média baixa da população, com o passar do tempo, elas tendem a se difundir de baixo para cima, sendo progressivamente adotadas pelas classes médias, médias altas e altas:



Quando uma variante inovadora já se tornou amplamente usada pelas camadas superiores, ela deixa de ser sentida como "erro" (a não ser, é claro, pelos gramatiqueiros de plantão), deixa de "doer no ouvido" ou de "causar arrepios", muito embora contradiga as prescrições da gramática normativa. Às vezes, até acontece o contrário: a regra normativa é que passa a ser vista como "antiquada", "estranha", "fora de moda" etc. Muitos falantes urbanos escolarizados, quando apresentados à forma prescrita pela tradição

normativa, costumam dizer: “Pode até ser o certo, mas ninguém usa mais”, ou “soa muito pedante”, ou “se eu usar isso, vão zombar de mim”. É o que acontece, hoje no Brasil, com os 40 fenômenos de mudança que listamos no capítulo 7, ao tratar do vernáculo geral brasileiro.

Fica bem claro, então, que os julgamentos linguísticos são sempre, no fundo, **julgamentos sociais**: se a minha classe social, privilegiada, usa uma forma condenada pela gramática normativa, o problema está na gramática normativa; mas se a forma não normativa é usada pelos falantes desprestigiados, então é “erro” mesmo…

Um exemplo da duplicidade de julgamentos

Esse interessante fenômeno social de “dois pesos, duas medidas” se verifica num dos muitos casos da famigerada “colocação pronominal”, verdadeira obsessão nos estudos gramaticais brasileiros dos últimos 200 anos. Professores, corretores, revisores e todos os profissionais que lidam com a escrita promovem uma perseguição aos usos “errados” dos pronomes oblíquos no que diz respeito à colocação deles junto aos verbos. O curioso é que essas pessoas concentram seus ataques sobre determinados “erros” e deixam passar sem “correção” outros usos não normativos. Por quê? Porque esses outros usos já se tornaram tão naturais, tão usuais, inclusive na língua escrita mais monitorada, que praticamente ninguém repara neles. Podemos dizer que, nesses casos, as regras da gramática normativa ficaram “invisíveis”…

Vamos fazer um teste? Leia os exemplos abaixo e procure detectar neles algum “problema”:

(1) “Não fosse o refém uma pessoa com o destaque de Silvio Santos, teriam tantas autoridades se posto à volta da vítima e o próprio governador se abalado porque assim queria o criminoso?” (Jânio de Freitas, *Folha de S.Paulo*, 31/08/2001, primeira página).

(2) “Foi nessa época também que encontrou Max Bill, expoente da arte concreta na Europa, de quem tornou-se amigo. Em 1950, Max Bill havia exposto no Masp e se tornado uma influência poderosa entre artistas e intelectuais brasileiros” (Flávia Rocha, *Bravo!*, abril de 1998, pp. 62-63).

(3) "Os números de Altamiro Carrilho são impressionantes: aos 76 anos de idade, está com 57 de carreira, tendo composto 200 obras, gravado 111 discos e se apresentado em 48 países" (*Bravo!*, julho de 2001, p. 128-129).

(4) "Ela teria decidido procurar Oliveira e lhe dado dinheiro para comprar uma arma" (*Folha de S.Paulo*, 30/8/1995, p. 3-5).

(5) "Lúcio Flávio Villar Lírio escrevia poesias de não se jogar fora no seu tempo. Depois pensou em ser vereador, porque Juscelino tinha passado perto e lhe dado três tapinhas nas costas" (Fernando Bonassi, *Folha de S.Paulo*, 25/3/1998, p. 4-2).

(6) "Segundo a fonte, Franco teria constatado o enfraquecimento de Arida, pelo fato de terem sido debitados a ele os erros na mudança cambial, e oferecido sua saída como única alternativa de fortalecê-lo. Mas FHC teria recusado, e lhe dito que ele só sairia se fosse para um cargo maior" (Luís Nassif, *Folha de S.Paulo*, 22/3/1995, p. 2-3).

Já descobriu do que se trata? Aqui vão mais alguns exemplos, todos extraídos do livro de contos *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector (Editora Rocco, 1999):

(7) "Só muito depois, tendo finalmente me organizado em corpo e sentindo-me fundamentalmente mais garantida, pude me aventurar e estudar um pouco; antes, porém, eu não podia me arriscar a aprender, não queria me disturbar — tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que eu não sabia o que era, e com vaidade cultivava a integridade da ignorância" (p. 15).

(8) "Ia receber de volta uma realidade que não teria existido se eu não a tivesse temerariamente adivinhado e assim lhe dado vida" (p. 19).

(9) "O fato é que, tendo uma vez se encontrado na parte secreta deles mesmos, resultara na tentação e na esperança de um dia chegar ao máximo. Que máximo?" (p. 32).

(10) "Foi quando, tendo minha família se mudado para São Paulo, e ele morando sozinho, pois sua família era do Piauí, foi quando o convidei a morar em nosso apartamento, que ficara sob a minha guarda" (p. 78).

Se você não descobriu nenhum "erro", não se preocupe: primeiro, porque **não existe erro na língua** e, depois, porque o fenômeno que vamos analisar já está tão impregnado no nosso uso da língua que praticamente ninguém tem consciência de que ele contraria as prescrições da gramática normativa. É muito provável que você, ao descobrir do que se trata, leve um grande susto!

O que está em jogo aqui é o uso dos pronomes oblíquos em **próclise ao particípio passado** nos verbos compostos. Repare que, em todos os exemplos acima, existe alguma coisa entre o verbo auxiliar e o particípio passado — no último exemplo de Clarice Lispector é o sujeito: "Tendo MINHA FAMÍLIA se mudado para São Paulo".

Ora, pelas regras da gramática normativa, o pronome oblíquo só poderia vir antes ou depois do verbo auxiliar e nunca proclítico ao particípio. É o que diz, por exemplo, a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985):

> Não se dá a ênclise nem a próclise com os particípios (p. 302).
> Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar... (p. 307).

Assim, no exemplo (10), Clarice Lispector, para obedecer a prescrição da gramática normativa, deveria ter escrito algo mais ou menos assim: "Tendo-se minha família mudado para São Paulo" ou "Tendo-se mudado minha família para São Paulo" — deveria, mas não escreveu...

Observe que todos os exemplos não literários acima são retirados da imprensa e são, em sua maioria, textos assinados que normalmente dispõem de mais tempo para ser produzidos do que os textos de reportagem diária, escritos em geral contra o relógio (para não falar do caso da revista *Bravo!*, que é uma publicação mensal). Apesar disso, e tendo provavelmente se valido da possibilidade de rever seus textos algumas vezes, os autores não seguiram a prescrição da gramática normativa. Convém também lembrar que nos grandes jornais existem "manuais de redação" que são muito mais conservadores e intransigentes do que as próprias gramáticas normativas nas quais eles dizem se inspirar.

Assim, as mesmas pessoas que perseguem e evitam o uso de pronome oblíquo em início de frase ("Me disseram que você se mudou"), ou enclítico ao verbo precedido de palavra negativa ("Não interessa-me o que você tem a dizer"), ou que usam a mesóclise ("dir-se-ia", colocação pronominal absolutamente estranha ao vernáculo brasileiro), não se incomodam com a próclise ao particípio.

O exemplo mais claro da invisibilidade dessa regra normativa se encontra no trabalho de Josué Machado, um dos vários "defensores da língua" que nos últimos tempos invadiram os meios de comunicação brasileiros com suas

lições de português supostamente "correto" e suas posturas sociais altamente preconceituosas e autoritárias:

J. Machado, *Manual da falta de estilo*. São Paulo: Best-Seller, 3ª ed., 1994, p. 169.

(11) "Teria o pobre Dennis se matado, ressuscitado e se matado de novo?"

É muito instrutivo ver que nem os puristas mais empedernidos (e que gostam de ditar as regras para os outros seguirem) conseguem resistir ao avanço das mudanças linguísticas.

Da fala para a escrita

Esses exemplos do uso não normativo de pronomes oblíquos antes de particípio passado também nos ajudam a entender outro fenômeno interessante no processo de implementação de uma inovação linguística, **o avanço da mudança que parte da fala para a escrita**.

Desde épocas muito remotas, as pessoas se acostumaram a comparar a língua falada mais espontânea, menos monitorada, com a língua escrita mais elaborada, de preferência em seus usos literários. Com isso, se criou na nossa cultura uma falsa visão dicotômica, que separa rigidamente a fala da escrita, como se essas duas modalidades de uso fossem absolutamente diferentes. Além disso, como também já vimos, dessa visão dicotômica nasceu o preconceito contra a língua falada, considerada ilógica, caótica e sem gramática, e a supervalorização da escrita, considerada a única forma correta de uso da língua.

L. A. Marcuschi assim define o conceito de gênero textual: "*Textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica". O mesmo autor diz que "é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*" (A. Dionísio, A. R. Machado e M. A. Bezerra [orgs.], *Gêneros textuais e ensino*, p. 22-23 — referências completas nas Indicações de Leitura).

A supervalorização da escrita e a desvalorização da fala fizeram surgir, no ensino, algumas noções completamente equivocadas acerca da relação entre as duas modalidades de uso da língua. Uma dessas noções é a de que é preciso evitar as "marcas da oralidade" nos textos

escritos, que não se pode "falar como se escreve", sem levar em conta que o conceito realmente importante neste caso é o de **gênero textual**.

Não se trata aqui de denunciar "erros comuns", como fazem os gramatiqueiros nos meios de comunicação. O centro da questão, neste caso, não é o binômio tradicional "certo" vs. "errado". Trata-se simplesmente de mostrar que uma concepção equivocada de escrita pode levar a produções textuais estilisticamente pobres, recheadas de lugares-comuns e de falsas "elegâncias", e com marcas evidentes de pouco domínio dos muitos recursos que a língua oferece para a elaboração de textos fluentes, informativos, criativos e gostosos de ler. A esse respeito, vale muito a penar ler o livro de Irandé Antunes, *Lutar com palavras*, que está nas nossas Indicações de Leitura.

O mito da escrita "rebuscada"

Além disso, aquela separação rígida entre fala e escrita fez nascer a ideia de que a escrita tem que ser sempre mais "rebuscada", mais "elaborada" do que a fala. Daí decorrem sérios problemas na produção textual de muitas pessoas, que tentam "escrever difícil", recorrendo a "muletas" textuais que só servem para tornar o texto pesado e deselegante.

Algumas dessas "muletas" são, hoje em dia:

- o uso excessivo e inadequado de O QUAL (e flexões), para evitar o emprego do QUE. Como nunca se usa O QUAL na língua falada espontânea, corrente, algumas pessoas acham que esse pronome é mais "correto" do que o QUE e acabam escrevendo coisas como: SE O SENHOR MORAR NUMA CIDADE O QUAL NÓS TENHAMOS UM REPRESENTANTE... (mensagem eletrônica que recebi de uma editora);
- a substituição do verbo TER pelo verbo POSSUIR em construções que podem levar a interpretações muito esquisitas (outro dia li uma história infantil em que o autor dizia que o chefe de uma quadrilha de malfeitores POSSUÍA MUITOS HOMENS!) ou sem sentido (já me perguntaram: QUANTOS ANOS O SENHOR POSSUI?). Muito comum também é o uso de POSSUIR onde outros verbos seriam mais adequados: AS MULHERES AINDA POSSUEM SALÁRIOS MAIS BAIXOS QUE OS HOMENS; NOSSA LOJA POSSUI OFERTAS IRRESISTÍVEIS; O PACIENTE POSSUI UMA DOR AGUDA NO PEITO...;
- o uso do verbo ENCONTRAR-SE, supostamente mais "rebuscado" do que o fácil e prático ESTAR, como nos anúncios dos aeroportos: INFORMAMOS QUE NOSSO VOO ENCONTRA-SE ATRASADO...;
- o uso de O MESMO (e flexões) como pronome, quando um simples ELE (e flexões) deixaria o texto mais fluente (ANTES DE ENTRAR NO ELEVADOR VERIFIQUE SE O MESMO ENCONTRA-SE PARADO NO ANDAR...); muito frequentemente, esse O MESMO aparece distante do nome que ele substitui, provocando falta de coesão lexical e dificultando a interpretação:

Observe que nesse parágrafo existem vários elementos que poderiam estar em correferência com o MESMOS do final: "conceitos", "instrumentos", "parâmetros", "valores"... No entanto, parece que o MESMOS se refere a "atleta", que não mantém coesão morfossintática com MESMOS, uma vez que está no singular...

"O objetivo deste texto é demonstrar que, por meio dos conceitos da literatura especializada, é possível desenvolver instrumentos de grande valia para a monitoração da sobrecarga imposta pelo jogo ao atleta de futebol e, dessa forma, utilizar estes parâmetros, mesmo que sejam valores preditos, como um recurso a mais para o controle de qualidade da performance física dos mesmos"

(**http://cidadedofutebol.uol.com.br/Cidade2006/Materia.aspx?IdArtigo=1212** (acesso em 1/10/2006).

- colocações pronominais forçadas, que não condizem nem com o uso normal brasileiro (próclise ao verbo principal) nem com as regras das gramáticas normativas (NÃO LEMBRO-ME, APRESENTAREI-ME, TINHA ENCONTRADO-O) etc. Como existe a perseguição paranoica à próclise, colocação natural e intuitiva de todo falante do português brasileiro, as pessoas acham que na escrita os oblíquos têm de vir sempre depois do verbo;
- o uso completamente anacrônico do possessivo VOSSO (GOSTARÍAMOS DE CONTAR COM VOSSA PRESENÇA EM NOSSO EVENTO) etc.

Muitos desses usos decorrem de equívocos propagados pelo ensino tradicional, que ainda se baseia numa concepção rígida e homogênea de escrita, sem levar em conta que ela é tão heterogênea quanto a fala, e perpetuando o mito de que a escrita é sempre mais "complexa", "sofisiticada" ou "rebuscada" do que a fala...

Uma visão mais adequada da relação fala/escrita

Estudos mais recentes das relações entre fala e escrita vêm tentando mostrar que as coisas não são como aparecem no discurso da Gramática Tradicional e de seus seguidores. Uma das propostas que rompem com essa visão tradicional é a do linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi, em seu livro *Da fala para a escrita* (2001, p. 41), que reproduzimos ao lado.

Nessa proposta de análise das relações fala-escrita, entra em jogo o conceito fundamental de **gêneros textuais**, isto é, as diversas formas de realização empírica da língua nos usos sociais. Toda vez que abrimos a boca para falar ou nos colocamos a escrever, estamos produzindo um **texto** que vai se configurar de acordo com as convenções de alguns dos inúmeros **gêneros textuais** que circulam na nossa sociedade.

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.

Entre os dois polos representados por FALA e ESCRITA eu inseri uma linha pontilhada horizontal que representa o grau de **monitoramento estilístico** correspondente (sempre aproximadamente) a cada gênero. Se a pessoa tiver que se apresentar em público num congresso acadêmico, pronunciando uma conferência, é provável que monitore muito mais a sua fala do que se tivesse de falar dos mesmos assuntos da conferência numa reunião íntima na casa de colegas. A advogada que deixa um bilhete preso na geladeira combinando uma ida ao cinema com o marido não vai monitorar sua escrita ao escrever esse bilhete do mesmo modo como monitora ao produzir um parecer jurídico.

A visão tradicional sempre estabeleceu a falsa sinonímia entre fala e coloquialidade, informalidade, e entre escrita e formalidade, esmero. Não é assim. **A escrita é tão heterogênea quanto a fala**, e isso fica bem claro quando analisamos os gêneros escritos em busca dos sinais da mudança linguística.

Assim, do mesmo jeito como a mudança linguística avança pouco a pouco das camadas intermediárias da população rumo às camadas superiores, até se impor a toda a comunidade de falantes, o mesmo acontece no que diz respeito à relação fala-escrita. As inovações linguísticas surgem primeiramente nos **gêneros falados mais espontâneos** (no **vernáculo**, já definido no capítulo 2) e vão se expandindo em direção aos demais gêneros textuais até atingir o outro polo do diagrama de Marcuschi, onde se situam os **gêneros escritos mais monitorados**:

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.

Quando as inovações linguísticas que se opõem às prescrições da gramática normativa passam a aparecer com muita frequência nos **gêneros escritos mais monitorados**, é porque a mudança linguística já se completou, e muito dificilmente a antiga regra normativa voltará a vigorar. Já vimos isso ao tratar dos conceitos de norma-padrão e norma culta (capítulo 5), quando apresentamos diversos exemplos da ordem verbo-sujeito em que o verbo permanece no singular apesar de um sujeito no plural. O mesmo ocorre nos exemplos acima, todos de textos escritos monitorados, em que os pronomes oblíquos aparecem proclíticos ao particípio passado.

Por gozar de um extremo prestígio social, os gêneros escritos mais monitorados são precisamente o "último reduto" das regras normativas, das formas linguísticas mais conservadoras, que resistem à inovação. Mais cedo ou mais tarde, porém, a pressão do vernáculo sobre os outros usos da língua acaba vencendo a disputa, e as inovações linguísticas ganham seu lugar de direito também na escrita mais monitorada.

Também por causa do prestígio social da escrita mais monitorada é que devemos, em sala de aula, **apresentar aos alunos aquelas formas linguísticas conservadoras**, que em muitos casos já desapareceram completamente do vernáculo. Afinal, elas também fazem parte da língua, e todas as pessoas têm pleno direito de querer se servir delas quando bem lhes parecer. Só não podemos apresentar essas formas como se fossem as únicas corretas e bonitas, porque aí o nosso trabalho com a variação linguística e com a reeducação sociolinguística perderia todo o sentido!

Não existe "erro comum"

Em livros e textos de caráter normativo, a gente encontra frequentemente esta frase: "É erro comum hoje em dia falar [ou escrever]..." Isso para não mencionar os muitos produtos gramatiqueiros à venda que trazem títulos como "os 150 erros mais comuns na língua" etc.

Como já sabemos, todas as mudanças linguísticas ocorrem por ação dos próprios falantes da língua. É mesmo muito curioso verificar isso: muitas pessoas se queixam das mudanças na língua sem perceber que elas mesmas é que fazem a língua mudar... Mais engraçado ainda é ver pessoas que se queixam dessas mudanças usarem em sua própria fala ou em sua própria

escrita formas não autorizadas pelas gramáticas normativas (como o prescritivista Josué Machado no exemplo acima...).

Se as mudanças já estão, de certa forma, previstas no próprio sistema da língua, se os falantes se aproveitam das possibilidades que a língua oferece para modificar as regras de funcionamento dela, e se essas modificações servem para satisfazer múltiplas necessidades que os falantes sentem, então não existe "erro comum" — existe, isso sim, um **acerto comum** para tornar a **comunicação** mais certa.

Vamos examinar, por exemplo, o caso do verbo ASSISTIR. Existe uma verdadeira obsessão por parte dos puristas em impor uma preposição A depois do verbo ASSISTIR: ASSISTI AO FILME. Mas todos nós sabemos que no vernáculo brasileiro se usa quase exclusivamente o verbo ASSISTIR sem a preposição, ou seja, como um verbo transitivo direto: ASSISTI O FILME. Isso permite, aliás, que o verbo ASSISTIR apareça na voz passiva — O JOGO FOI ASSISTIDO POR CINQUENTA MIL PAGANTES, o que só ocorre com verbos transitivos diretos.

O que provocou essa mudança sintática? Certamente, uma mudança no significado de ASSISTIR. Originalmente, em latim, AD-SÍSTERE (de onde vem o nosso ASSISTIR) significava "estar junto *a*" alguma coisa, "comparecer *a*" algum lugar (como demonstra a presença da preposição-prefixo AD, de onde veio a nossa preposição A). Esse significado original, no entanto, se modificou na história da língua e o verbo passou a ser interpretado e empregado com o sentido de "presenciar", "ver", "observar", "frequentar":

- assisti o filme [= vi o filme];
- assisti uma briga [= presenciei uma briga];
- assisti a mudança [= observei a mudança];
- assisti um curso [= frequentei um curso].

Por isso, para deixar clara essa sua relação *direta* com o objeto do ato de presenciar/ver/observar/frequentar, os falantes passaram a usar o verbo ASSISTIR sem a preposição A.

Dizer que ASSISTI O FILME é um erro comum é uma contradição em termos: se é comum, como pode ser erro? Se um número cada vez mais amplo de pessoas está preferindo uma forma linguística nova, é porque ela *acerta* em satisfazer as necessidades interacionais, comunicativas, cognitivas dessas pessoas. Se fosse mesmo um "erro", ninguém ia usar...

O falante é o melhor gramático que existe

Poderíamos dizer que a grande tarefa da ciência linguística é descobrir e explicar **aquilo que os falantes sabem, mas não sabem que sabem**. O conhecimento intuitivo que cada ser humano tem de sua língua materna é um dos mais fascinantes mistérios da ciência. Por mais que linguistas, psicólogos, biólogos, médicos, antropólogos e filósofos especulem, teorizem e investiguem, a verdadeira natureza do conhecimento linguístico — a natureza da própria linguagem humana como fenômeno biológico-psicológico-social — sempre desafiará os cientistas.

Por isso, o linguista honesto é aquele que reconhece humildemente que **qualquer falante de uma língua é o melhor gramático que existe**. Ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante nativo. Uma criancinha de 5 anos de idade já é perfeitamente capaz de reconhecer uma expressão linguística como pertencente ou não à sua língua materna! Nós, pesquisadores, podemos até sistematizar o funcionamento (a gramática) da língua, criar modelos para explicar esse funcionamento, dar nomes técnicos aos elementos que isolamos e identificamos, mas isso não consegue dar conta de tudo o que está por trás (ou dentro, ou no fundo, ou acima...) do uso espontâneo, natural, corriqueiro, inconsciente e eficiente que cada pessoa faz de sua língua materna, já a partir da mais tenra infância...

As mudanças que acontecem na língua se devem precisamente a esse **conhecimento poderoso que os falantes têm** de como ela funciona e à eficiência das intervenções que eles fazem nesse funcionamento. A todo momento — graças a processos mentais e a fenômenos interacionais que ainda não conseguimos explicar satisfatoriamente —, cada falante (em sociedade) está reanalisando, reinterpretando as regras de funcionamento de sua língua, conferindo a elas novo alcance, descartando as regras que se mostram insuficientes, ampliando os limites de aplicação de regras até então restritas a determinados contextos, e por aí vai...

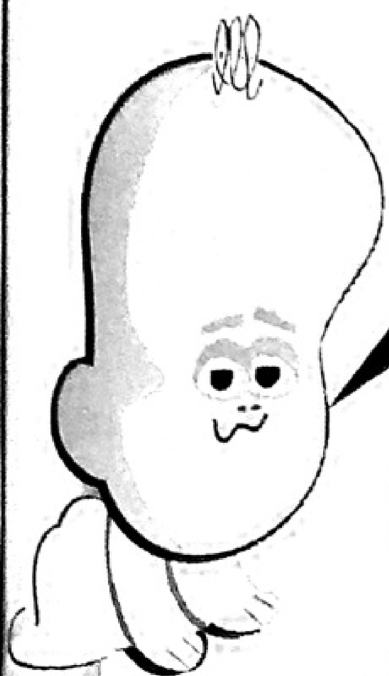
Cada nova geração de falantes dá a sua contribuição nesse processo lento e gradual de transformação-reajuste-renovação da língua. É por isso que hoje nós falamos o português brasileiro, e não o português europeu que chegou aqui há mais de 500 anos, nem muito menos o latim, fonte da língua portuguesa, nem muito menos ainda o indo-europeu, língua pré-histórica da qual se originaram o latim e muitas outras línguas...

Muitas pessoas lamentam que, no processo de mudança, a língua perca tantas coisas. É que elas deixam de ver que, ao mesmo tempo, a língua **ganha** muitas coisas novas, num equilíbrio constante entre preservação e inovação. Afinal, se na mudança a língua perdesse elementos essenciais, os falantes não conseguiriam mais se expressar e interagir verbalmente, e isso nunca aconteceu em língua nenhuma, em nenhum momento da história da humanidade:

> As línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem, nem agem de acordo com nenhuma das metáforas que implicam um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente mudam, como as sociedades mudam. Se uma língua morre é porque seu *status* na sociedade se alterou, na medida em que outras culturas e línguas a sobrepujaram: ela não morre porque "ficou velha demais" ou porque "se tornou muito complicada", como às vezes se pensa. Também não se deve pensar que, quando as línguas mudam, elas o fazem numa direção predeterminada. Algumas estão perdendo flexões; outras estão ganhando. Algumas estão se fixando numa ordem em que o verbo precede o objeto; outras, numa ordem em que o objeto precede o verbo. Algumas línguas estão perdendo vogais e ganhando consoantes; outras fazem o oposto. Se formos usar metáforas para falar da mudança linguística, uma das melhores é a de um sistema que se mantém num estado de equilíbrio, enquanto as mudanças ocorrem dentro dele. Outra é a da maré, que sempre e inevitavelmente muda, mas nunca progride, enquanto flui e reflui.

D. Crystal, *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, pp. 4-5.





PARANÃOESQUECER

- Não é a língua que muda com o tempo: **são os falantes que, em sociedade, mudam a língua**.
- **A língua muda porque varia**: a concorrência entre as formas inovadoras e as formas conservadoras acaba sendo resolvida pela incorporação das formas novas ao uso de um número cada vez maior de falantes, até que elas se firmam como regras do sistema linguístico, desalojando de vez as formas conservadoras.
- A mudança linguística é implementada pelas **gerações mais jovens** de falantes e pelas **camadas médias baixas** da população.
- Na relação entre **língua falada** e **língua escrita**, as formas inovadoras surgem na fala mais espontânea, menos monitorada (no vernáculo) e, com o passar do tempo, avançam pelos demais gêneros falados, são incorporados pela escrita menos monitorada, até atingirem os gêneros textuais escritos mais monitorados. Quando isso ocorre, **as formas inovadoras já estão plenamente incorporadas à língua** e não são mais sentidas como "erros". A mudança se completou e não há como voltar atrás.